

Iniciando no ensino de surdos

Caterine Melo Duffles Teixeira¹

Resumo

Este artigo relata as experiências adquiridas por uma universitária desde o seu primeiro envolvimento com a Libras (Linguagem Brasileira de Sinais) até o desenvolvimento de atividades no CAS – Cursinho Alternativo para Surdos, projeto desenvolvido pelo CEPAE – Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial, em que alunos da graduação atuam como professores bilíngües (Português/Libras) lecionando as disciplinas em Libras. A intenção deste relato é incentivar uma busca contínua por novos métodos de ensino, utilizando as diferenças existentes entre os alunos para enriquecer o cotidiano educacional.

Palavras-chave

Educação Especial. Surdos. Libras.

1. Aluna do curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia, professora bilíngue estagiária no CEPAE (Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial) e bolsista do PIBIC. E-mail: caterineduffles@yahoo.com.br

Begin the teaching of deaf people

Caterine Melo Duffles Teixeira*

Abstract

This article describes experiences acquired by a university student since her first moment with the Libras (Brazilian Signals Language) until the development of activities in the CAS - Alternative Course for Deaf people, project was developed by CEPAE - Center of Education, Research, Extension and Attendance in Special Education, and pupils of the graduation act as bilingual professors (Portuguese/Libras) teaching the subjects in Libras. The intention of this project is to stimulate a continue search for new methods of education, using the differences between the pupils to enrich the educational daily.

Keywords

Especial Education. Deaf people. Libras.

* Student of Layer of Universidade Federal de Uberlândia, student teacher bilingual of CEPAE (Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial) and it is financed by PIBIC. E-mail: caterineduffles@yahoo.com.br

Introdução

Quando vi dois surdos conversando pela primeira vez em Libras (Língua Brasileira de Sinais) não poderia imaginar o quanto aquilo iria me influenciar. Tinha apenas 10 anos, estava em um ônibus no Rio de Janeiro, cidade onde nasci e vivi até os meus 18 anos. Apesar da pouca idade, fiquei fascinada desde os primeiros instantes em que observei aqueles gestos tão cheios de graça e significado. Desejei com todas as minhas forças aprender aquela língua. Aquele desejo foi interpretado como um simples sonho de criança, pois eu era muito nova, mas o sonho fixou raízes e cresceu, mesmo sem que eu tivesse qualquer contato com a comunidade surda.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é usada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiros e reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. É derivada da língua gestual francesa, por isto, é semelhante a outras línguas de sinais da Europa e da América. A LIBRAS não é uma simples gestualização da língua portuguesa, e sim uma língua à parte, como comprova o fato de que em Portugal usa-se uma língua de sinais diferente que é a língua gestual portuguesa (LGP).

Assim como as diversas línguas naturais e humanas existentes, ela é composta por níveis lingüísticos como: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Da mesma forma que nas línguas oral-auditivas existem palavras, nas línguas de sinais também existem itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A diferença é sua modalidade de articulação, a saber, visual-espacial ou cinésico-visual, para outros. Assim sendo, para se comunicar em Libras, não basta apenas conhecer sinais, é necessário conhecer a sua gramática para combinar as frases, estabelecendo de fato a comunicação. Os sinais surgem das combinações das configurações das mãos, movimentos e de pontos de articulação - locais no espaço ou no corpo nos quais os sinais são feitos, juntos

esses sinais compõem as unidades básicas dessa Língua. Assim, a Libras se apresenta como um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Como qualquer outra língua, também, existem diferenças regionais; portanto, deve-se atentar às variações praticadas em cada unidade da Federação.

O alfabeto manual ou datilologia, foi meu primeiro aprendizado, como acontece com a maioria das pessoas que enveredam por esse caminho. Encontrei o cartão com os sinais e “devorei” até aprender. Apesar de não ter com quem praticar, treinava constantemente para não esquecer meu singelo conhecimento.

A datilologia é um sistema de representação, quer simbólica ou icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas por meio das mãos, utilizada para se entender melhor a comunidade surda, fazendo parte da sua cultura e surgindo da necessidade do contato com os cidadãos ouvintes. É utilizado para “soletrar” nomes próprios e palavras cujo sinal é inexistente ou desconhecido pelo surdo ou pelo ouvinte.

Em 2003, aos 18 anos de idade, mudei para Uberlândia e prestei vestibular para o curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Cursei a faculdade por um semestre e em seguida prestei outro vestibular, agora para Direito, na mesma Universidade, por isso tive que deixar o curso de Letras. Mas a semente de amor pela educação já havia sido plantada e começou a brotar.

Passava pelos corredores do bloco do curso de Direito quando vi um aviso de que o CEPAE (Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Apoio em Educação Especial), buscava alunos da graduação interessados em dar aulas para surdos em um cursinho preparatório para o vestibular. Era a minha chance. Procurei o setor imediatamente, oferecendo-me

para dar aulas, apesar de não saber LIBRAS. Fui encaminhada para um curso básico de LIBRAS e dois dias após a minha primeira aula no curso fui conhecer meus alunos surdos.

O sentimento de incapacidade tomou conta de mim ao encarar a turma sabendo dizer apenas “oi”, “tudo bem?”, “meu nome é” e soletrar o meu nome. Comecei a duvidar se seria mesmo capaz de ministrar aulas de literatura àqueles alunos. Mas a receptividade e a paciência da turma me animaram a continuar. A professora dentro de mim falou mais alto.

Decidi, então, encarar o desafio e não poupei esforços. Todos os dias, passava pelo terminal de ônibus para ir para a faculdade, parava no local onde os surdos se encontram para conversar e ficava por cerca de duas horas observando e aprendendo novos sinais. Nas aulas, pedia ajuda aos meus alunos para me ensinarem o que eu não sabia e me corrigissem. Percebia o progresso dia-a-dia.

De 2004 a 2007 fui professora no CAS (Cursinho Alternativo para Surdos). Primeiramente de literatura e depois de inglês. O objetivo do cursinho é complementar o ensino dado nas escolas de forma que não torne o exercício do estudo uma tarefa árdua para os alunos, por isso, buscava passar a matéria de forma simplificada e direta para que eles pudessem compreendê-la. Levava textos em português, pedia que cada aluno tentasse ler e me explicasse o que havia entendido em LIBRAS, em seguida eu passava um resumo da matéria à qual o texto se referia e fazia as explicações em LIBRAS.

Quando estamos em sala de aula, notamos a presença daqueles alunos que balançam a cabeça afirmativamente ao serem perguntados se estão entendendo a matéria, entretanto para o professor é fácil perceber que não houve compreensão do que foi passado. No ensino de surdos, esta é uma característica muito marcante devido ao histórico vivenciado por eles em suas escolas ou em suas próprias famílias. Com ouvintes, em geral, os professores se esforçam

até que o aluno aprenda. Já com os surdos, os ouvintes não se preocupam em realmente ensinar, explicam uma vez e se eles não entenderem, desistem. Dessa forma, os surdos acabam se acostumando em concordar e aceitar aquilo que é dito sem que tenham entendido.

Com meus alunos, quando percebia que estavam simplesmente “balançando a cabeça”, pedia a eles que me explicassem a matéria lecionada; assim, eles admitiam, de fato, não haver entendido necessitando de nova explicação até o entendimento. Fiz, então, um “trato” com meus alunos: iria explicar até que eles entendessem e, se isso não acontece de pronto, não iriam fingir para mim. Muitas pessoas acham que os surdos não são interessados em assuntos gerais. Isso não é verdade. Quando eles têm a chance de aprender algo e existe alguém disposto a ensinar, demonstram toda a capacidade de aprender que eles possuem.

Em 2006, o CAS precisou de uma professora de inglês e eu me dispus. Não sabia como faria para ensinar, mas não iria desistir diante das dificuldades. Qual seria a metodologia para ensinar uma Língua Estrangeira a surdos? Cada aula era um novo desafio, um convite a experimentar diferentes métodos. Para o ensino de surdos o principal canal a ser utilizado deve ser o visual. Para o surdo esse fato é ainda mais marcante devido à modalidade gestual-visual de sua língua. Por isso, levava figuras de revistas, fazia desenhos no papel e no quadro, criava jogos e levava brindes. Cada sinal de aprendizado era uma conquista a ser comemorada e eu vibrava.

Em todos esses anos de convívio com o surdo compreendi que não há um método para ensinar alunos surdos. O que eu fiz foi tentar me adaptar às necessidades dos meus alunos, sem medo de experimentar novos meios baseados em métodos já conhecidos. Cada um que estiver disposto a ensinar deve compreender como são seus alunos e construir sua própria metodologia. Talvez seja desconfortante, num primeiro momento, saber que não existe um método pronto e testado, mas devemos entender que,

mais do que surdos, eles são alunos e, como qualquer aluno, eles têm suas individualidades, suas maneiras próprias de aprender.

Aqueles que já vivenciaram a experiência da docência sabem que os grupos nunca são homogêneos. Alguns aprendem com mais rapidez, outros têm facilidade com determinadas matérias, mas dificilmente teremos dois alunos iguais, uma vez que o processo de aprendizado envolve o conhecimento de mundo de cada um e as impressões que as

situações causam são muito particulares.

Todos nós somos diferentes, é essa diversidade que nos torna tão especiais. Como professores não devemos nos limitar a métodos. Temos que ser criativos, inventar novas maneiras de ensinar. Compreender que todo aluno é capaz de aprender, desde que o professor seja capaz de ensinar. Esse é o nosso papel. A recompensa é o brilho que vemos nos olhos de nossos alunos quando eles entendem aquilo que queremos passar e essa satisfação é indescritível.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Tradução de Edilson Alkmim da Cunha. Brasília, DF: CORDE, 1997.

_____. **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos**. Maria Salete Fábio Aranha (Org.). Brasília: MEC/SEESP, 2005.

_____. **Diretrizes nacionais para a educação especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

_____. **Estratégias e orientações para a educação de alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem associadas às condutas típicas**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

MAZZOTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

PROJETO ESCOLA VIVA. Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola. Alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEESP, 2000.

REDONDO, Maria Cristina da Fonseca; CARVALHO, Josefina Martins. **Deficiência auditiva**. Secretaria de Educação à Distância, Brasília: MEC, 2000. Cadernos da TV Escola.

SÁ, Lígia Regina Limeira de. **Educação de Surdos**. A caminho do bilinguismo. Niterói: EDUFF, 1999.

Recebido em 19 de novembro de 2008.

Aprovado em 19 de outubro de 2009.